

O PESO DE UMA FAIXA: O IMAGINÁRIO NA FORMAÇÃO DE MULHERES NO JIU-JITSU

Luciana Neder Giancristoforo, Universidade de São Paulo (luneder@gmail.com)

Teresa Oliveira Lacerda (Universidade do Porto) (tlacerda@fade.up.pt)

Soraia Chung Saura, Universidade de São Paulo (soraiacs@usp.br)

Este trabalho investigou o “peso” da faixa graduada em mulheres no jiu-jitsu a partir da perspectiva do imaginário de Gaston Bachelard. Analisou-se como elementos concretos e estéticos da prática participam da formação sensível das lutadoras, como tatame, quimono e faixa. O objetivo foi compreender como a materialidade da faixa, enquanto tecido que circunda o centro do corpo, produz uma experiência distinta quando amarrada no corpo da mulher. A pesquisa vale-se de trabalho de campo e entrevistas em profundidade com 6 praticantes mulheres, com mais de uma década de prática. As análises dialogam com a literatura da fenomenologia, imaginário e estética.

No imaginário, o tatame configura-se como terra: superfície de queda, impacto e amortecimento. É nele que o corpo experimenta a gravidade e aprende a reorganizar-se após desequilíbrios. Para Gilbert Durand, a queda acompanha a própria condição do corpo bípede, constituindo uma experiência fundamental do tempo vivido. Contudo, essa terra não é neutra e inclusiva. Historicamente configurada para a presença masculina, reafirmando a superação da queda pela força. Quando mulheres habitam o tatame, negociam pertencimento e legitimidade.

O quimono ultrapassa a condição de vestimenta técnica e torna-se segunda pele, incorporando uma participação da constituição sensível de si. “Tenho mais quimonos que roupas de marcas”, relatou uma lutadora. Ao envolver corpo feminino produz simultaneamente experiências de empoderamento e afirmação, oriundas dessas experiências estéticas e sensíveis. A faixa é matéria trabalhada, tecido que aperta cintura, sustenta quimono, organiza uma hierarquia e faz visível a trajetória da lutadora. Se materialmente é idêntica para homens e mulheres, fenomenologicamente não o é.

Para as entrevistadas, o “peso” da faixa não aparece apenas como reconhecimento técnico, mas como uma responsabilidade, visibilidade ampliada e exigência contínua de legitimidade, diferentemente da experiência masculina, frequentemente associada à confirmação do percurso esperado. Uma relatou que “quando um homem vira faixa preta, ele é respeitado, mas quando uma mulher se torna faixa preta, ainda precisa provar que merece”. “A faixa preta não me deu descanso, ela aumentou o nível de cobrança”, afirmou outra entrevistada. Outra acrescentou: “eu sinto que não represento só a mim mesma, carrego todas mulheres que estão chegando”. O peso não se define quantitativamente, mas como experiência fenomenológica e imaginal entre corpos de homens e mulheres.

Imagens presentes nas narrativas dialogam com elementos do imaginário bachelardiano. Uma entrevistada descreveu sua graduação como água, da iniciação à faixa preta, onde o percurso é vivido como movimento contínuo, marcado por fluidez e adaptação, atravessado por tensões, “às vezes turbilhão, às vezes calmaria, mas sempre se movimentando”. Em diálogo com Maurice Merleau-Ponty, compreende-se que o corpo não é suporte de objetos, mas lugar de constituição do sentido na relação encarnada com o que o toca. A mesma matéria produz efeitos distintos porque se inscreve em corpos atravessados por historicidades diferentes. Assim, a faixa não marca apenas uma graduação, mas reconfigura o regime sensível da prática e transforma o modo de habitar o tatame, reiterando discussões consolidadas na literatura científica sobre gênero e artes marciais.

Palavras-Chaves: Filosofia do esporte; Fenomenologia; Imaginário; Gênero; Artes Marciais.